

COMO SE CONSTRÓI UMA NARRATIVA? UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Maria Luisa Machado de ODRIOZOLA
Thaís Freitas RODRIGUES

Orientadoras: Lilian do Rocio Borba e Márcia Rodrigues de Souza Mendonça

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma sequência didática (SD) elaborada nas disciplinas HL-071 e LA-071 do curso de Letras; trata-se de um relato de trabalho acadêmico. A sequência didática elaborada tem como objetivo principal o ensino dos elementos da narrativa. Para tal finalidade, optou-se pelo trabalho com o gênero textual contos e foram propostas aos alunos atividades de oralidade, leitura, interpretação, escrita e reescrita e exercícios de análise linguística. O trabalho foi realizado a partir de análises decorrentes do estágio de observação realizado nas aulas de português de uma turma de 7º ano, de uma escola localizada no distrito de Barão Geraldo, em Campinas/SP. Como trabalho final, o grupo produziu um material didático baseado nas particularidades de uma turma real e em discussões teóricas relacionadas ao ensino de língua portuguesa e aos multiletramentos.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa; elementos da narrativa; leitura; escrita de contos.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido nas disciplinas LA071-A e HL071-A, relacionadas ao Estágio Supervisionado e ministradas pelas professoras Lilian Borba e Márcia Mendonça, no primeiro semestre de 2014.

As disciplinas tinham como objetivo problematizar questões relativas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, observar a prática docente e os materiais didáticos em uma escola pública, analisar as três práticas fundamentais do letramento (leitura e escuta, produção de textos e análise linguística) e propor a elaboração de uma sequência didática (SD) a partir das observações realizadas em visitas a uma sala de aula real.

Paralelamente às aulas nas quais conceitos eram discutidos a partir de leituras teóricas, os alunos graduandos divididos em grupos acompanhavam aulas de Língua Portuguesa em escolas com o intuito de coletar dados para a elaboração de uma sequência didática, além de participar e ter a vivência do que realmente acontece dentro de uma sala de aula.

A SD que será apresentada neste artigo foi construída a partir das observações feitas em uma sala de 7º ano do Ensino Fundamental da EMEF “Prof.^a Dulce Bento Nascimento”, localizada no Distrito de Barão Geraldo, Campinas-SP, entre os dias 27 de março e 11 de abril de 2014 por todos os membros do grupo composto por três alunas da graduação em Letras.

A escola recebe alunos moradores de suas proximidades e, principalmente, alunos que moram em bairros demasiadamente afastados. É bastante organizada, promove atividades extra-classe e valoriza os trabalhos realizados pelos alunos. Desde o primeiro dia de visita, todos - docentes, funcionários e alunos - se mostraram bastante solícitos e fizeram com que as participantes do grupo se sentissem bem-vindas.

As aulas de Língua Portuguesa ocorriam três vezes por semana e eram ministradas pela professora G.N., também formada em Letras pela Unicamp. Dedicada ao seu trabalho, a professora se mostrou bastante esforçada. Outro ponto que merece destaque é o bom relacionamento que ela mantém com a classe, que a trata ao mesmo tempo com respeito e com carinho.

No primeiro dia de observação, a professora da classe deu início ao projeto “Boi Falô!”. Assim, durante as visitas, pôde-se acompanhar o desenvolvimento do trabalho realizado pela turma. A turma composta por cerca de vinte alunos trabalhou o gênero literário cordel, observando e estudando seus elementos constitutivos para que pudessem realizar o seu próprio cordel. Durante o projeto, foram exploradas pela professora da classe atividades baseadas na oralidade e de análise linguística. A cada dia e atividade, um novo recurso era utilizado pela professora, como datashow, escrita na lousa e fotocópias.

Os dados levantados e as observações feitas pelas pesquisadoras durante as semanas de acompanhamento consideraram desde o que os alunos estavam fazendo em sala, até que livros pegaram na biblioteca e o que faziam quando terminavam as atividades. Essas informações se constituíram em elementos importantes para a elaboração da sequência didática proposta.

Uma das preocupações em relação à construção da SD diz respeito ao fato de que ela fosse elaborada para o seu uso efetivo. Dessa maneira, a partir dos planejamentos realizados pela professora G.N., foi sugerido o trabalho com o gênero contos. Após discussões entre as pesquisadoras e orientações com as professoras da disciplina de Estágio Supervisionado, decidiu-se que seria proveitoso utilizar o gênero sugerido para explorar um tópico maior e mais abrangente: os elementos da narrativa.

A proposta de sequência didática foi intitulada “Como se constrói uma narrativa?”. Além desta Introdução, este artigo é constituído pelas seguintes seções: 1) Embasamento teórico 2) Percursos metodológicos e práticos 3) Avaliação da sequência didática e as Considerações finais.

1. EMBASAMENTO TEÓRICO

As bases teóricas para a elaboração da sequência didática estão relacionadas às leituras realizadas nas disciplinas de Estágio Supervisionado. A bibliografia das disciplinas buscou dialogar sobretudo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Nos PCNs de Língua Portuguesa (1998), foram encontradas pelo grupo orientações para a elaboração de um material que condissesse com as expectativas e planejamentos para o ensino da disciplina. Sobre os objetivos de ensino, pode-se destacar a seguinte passagem do material de apoio:

No trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (PCN, 1998, p. 49)

No mesmo documento, são ressaltadas as habilidades, os processos e os conteúdos a serem trabalhados e desenvolvidos com os alunos. Espera-se que sejam desenvolvidos os processos de escuta e produção de textos orais, leitura e produção de textos escritos e análise linguística. Sendo assim, as pesquisadoras, ao confeccionar a sequência didática aqui apresentada, atentaram-se para que todos os aspectos mencionados fossem contemplados.

Além da leitura e discussão desse documento, foram realizadas leituras que contemplavam os eixos de ensino de Língua Portuguesa: escuta/recepção e produção de textos orais, leitura e produção de textos escritos e análise linguística; os quais serão aprofundados na seção 2 Percursos metodológicos e práticos.

Com relação ao trabalho com gêneros textuais, é importante notar que tal abordagem enxerga a língua enquanto uma prática social e tem como objetivo desenvolver as habilidades comunicativas dos alunos. Segundo Koch & Elias (2006),

[...] destaca-se a ideia de que os gêneros textuais - práticas sociocomunicativas - são constituídos de um determinado modo, com uma certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re)conhecê-los e produzi-los, sempre que necessário. Se não fosse assim, haveria primazia de uma produção individual e individualizante desprovida dos traços de um trabalho construído socialmente, o que dificultaria (e muito) o processo de leitura e compreensão [...] (p.106).

O trabalho com gêneros textuais permite aos alunos a possibilidade de aprofundarem-se sobre o que leem/ouvem/veem e produzem, para assim aprenderem a dominar suas capacidades de comunicação. Atentar-se às circunstâncias de produção e circulação de um determinado texto (seja ele escrito, oral, visual ou multimodal) confere aos alunos novas perspectivas de leitura e compreensão do mundo a sua volta. Sendo assim, a escolha pelo gênero textual “Contos” foi feita embasada no desenvolvimento do trabalho tanto com suas características particulares, como as instâncias de circulação, quanto com suas características mais gerais, como os elementos narrativos, presentes em todos os gêneros de narração.

A sequência didática Como se constrói uma narrativa? foi elaborada a partir de etapas, ao longo de todo um semestre, com leituras, discussões e sugestões realizadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS E PRÁTICOS

Como já foi mencionado anteriormente, esse trabalho se propôs a confeccionar uma sequência didática cujo principal objetivo é o ensino dos elementos narrativos², a partir do trabalho com o gênero textual contos³. A sequência didática foi construída levando-se em consideração as particularidades da turma observada, estando os alunos acostumados com atividades de leitura e com o desenvolvimento de trabalhos em dupla ou grupos.

Selecionamos contos⁴ dos mais diversos tipos e, a partir deles, levantamos aspectos em que se assemelhassem e se diferenciasssem tanto em relação aos elementos da narrativa como em relação às características do gênero, pois acreditamos que assim os alunos conseguiriam fazer reflexões sobre o que estava sendo trabalhado. Para escolher os contos, nos baseamos em alguns critérios, como o tamanho (procuramos por contos que ocupassem apenas uma página, já que a professora costuma montar o seu próprio material a partir de cópias – xérox), a temática (selecionamos contos de horror, suspense e humor) e nos preocupamos em selecionar aqueles contos que não apresentassem algum juízo de valor ou cenas de violência e qualquer forma de abuso.

Para fazer o encadeamento da sequência didática, criamos uma atividade cujo principal objetivo é a composição de um painel, a partir do qual os alunos, agrupados em duplas, pudessem reunir os elementos narrativos de cada conto lido. A montagem do painel permitiria que os alunos acompanhassem de perto as diversas possibilidades de uso dos elementos narrativos.

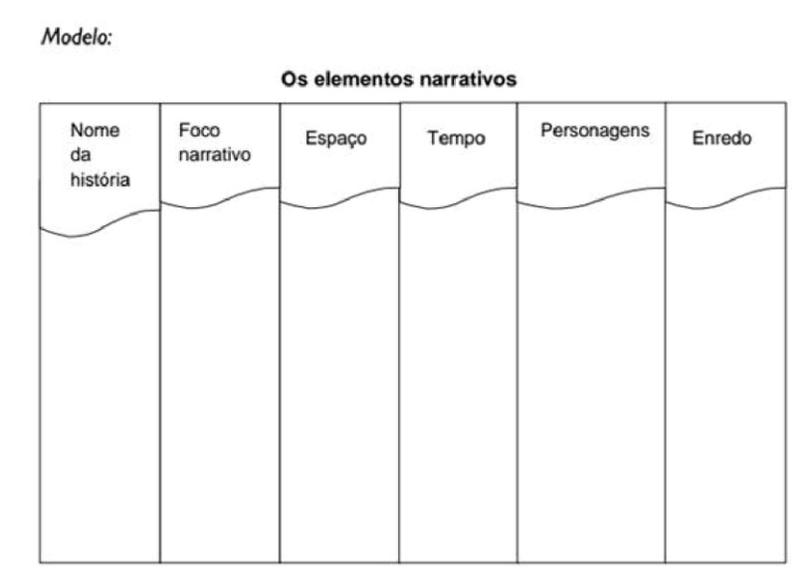


Figura 1 – Atividade "Compondo um painel"

A seguir descreveremos as atividades elaboradas para o trabalho com os eixos do ensino de Língua Portuguesa, segundo referências bibliográficas já mencionadas anteriormente e oportunamente trazendo mais autores:

2.1 Oralidade

Apesar de leitura e produção escritas serem as habilidades que comumente são encontradas nas salas de aula, nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), a oralidade também recebe o seu devido destaque e importância. Na passagem a seguir, por exemplo, não apenas a compreensão escrita é considerada importante, mas também a oral:

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (p. 24)

Sobre o tema, Cavalcante e Melo (2006) são assertivas ao dizer que

[...] um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar [...]. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral (p. 183).

Dessa maneira, a fim de trabalhar com a percepção dos alunos sobre a escuta e produção de textos orais, sugerimos que eles compartilhassem com a turma a história referente ao conto lido por cada dupla. Para tanto, elaboramos uma tabela⁵ a ser preenchida pelos alunos contendo as principais informações de cada conto.

Para que os alunos pudessem refletir sobre o gênero oral – “contação” de histórias –, lhes apresentamos, como um exemplo, os contadores de histórias africanos, os Griots⁶, para que pudessem compreender a importância e a tradição da produção oral.

Para organizarem as ideias e perceberem quais são as características da narrativa lida pelos seus grupos, que tal completarem a tabela abaixo?

Quem conta a história?	
Em qual lugar a história é ambientada?	
Em que época se passa a história?	
Quais são os personagens da história?	
Como a história acontece? (Início, meio e fim)	
Como é a história? (de suspense, romance, humor, etc)	

Figura 2 – Tabela para a organização do texto oral

2.2 Leitura

Segundo Kleiman (2006, p. 24), a leitura é o instrumento para integrar o jovem no mundo global. Sendo assim, é papel da escola e, portanto, das aulas de Língua Portuguesa investir no trabalho com as práticas de leitura, enquanto práticas sociais, proporcionando ao aluno a “identificação de questões sociais de cidadania, identidade, inclusão” (idem, p. 31), entre outras.

A fim de trabalhar com a leitura, sugerimos que os alunos fossem divididos em duplas e que para cada uma fosse entregue um conto diferente. Para cada atividade sobre os elementos narrativos, selecionamos trechos referentes aos contos escolhidos para que os alunos pudessem compreendê-los e interpretá-los.

Gostaríamos de destacar a atividade referente ao “ponto de vista” do narrador de uma história. Pretendemos ensinar como uma história pode ser contada a partir de várias perspectivas, aprofundando, assim, o estudo sobre o foco narrativo. Como exemplo, utilizamos o conto “A história da Chapeuzinho Vermelho segundo o Lobo Mau”, cujo narrador é de primeira pessoa (o Lobo), comparando-o com a versão mais comum da história da Chapeuzinho Vermelho, na qual o narrador é de terceira pessoa (ou seja, não participa da história), a partir de questões de interpretação de texto (Figura 3).

Compreendendo o texto...

Certamente vocês devem ter percebido algumas diferenças entre o conto original da Chapeuzinho Vermelho e a história mostrada acima.

- I. Quem é o narrador dessa história? **O Lobo Mau.**
- II. Quais fatos ocorreram de maneira diferente da história original, segundo o narrador? **O Lobo Mau conta o seu ponto de vista sobre a história, o que modifica a interpretação sobre o enredo da história. Os fatos que mudaram nessa versão estão grifados ao longo do texto.**
- III. Por que os fatos mudaram? **Os fatos mudaram, porque o Lobo Mau contou o seu ponto de vista sobre a história da Chapeuzinho Vermelho.**

Vocês perceberam como o ponto de vista é um fator importantíssimo para se entender uma história? Além de causar um grande impacto na narrativa, o ponto de vista (ou perspectiva) explícita o “olhar” adotado pelo narrador para expor os acontecimentos, personagens e espaços sobre os quais está falando.

Figura 3 - Questões sobre mudança de ponto de vista

2.3 Escrita e reescrita

Segundo Possenti (2005, p. 5), a atividade de escrita (acompanhada da reescrita) deve ser abundantemente praticada na escola, a partir de suas diversas possibilidades, incluindo o próprio aprendizado da escrita. É imprescindível que o professor de Língua Portuguesa explore com seus alunos todas as problemáticas que envolvem a escrita de um texto, como os erros gramaticais, a falta de coesão e coerência, entre outros.

Assim o que se propõe é que a escrita e, principalmente, a reescrita, são as formas de dominar normas de gramática e de textualidade, em um dos sentidos de dominar tais normas: domínio

efetivo, mesmo que não consciente e explícito, das regras de uma língua e das regras de construção de textos. No caso, de textos escritos (idem, p. 6).

Como produção escrita, elaboramos uma atividade a partir da qual os alunos, ainda em duplas, escrevessem uma nova versão de um dos contos que conheceram ao longo dessa sequência didática. Para tanto, eles aplicariam todos os conhecimentos explorados ao longo desse trabalho contínuo. Sugerimos, ainda, algumas questões para ajudá-los a compor o novo conto:

1. Quem é o personagem principal? Quais são suas características? E os secundários?
2. Qual é o conflito da história? Qual é o grande problema que moverá os personagens?
3. Onde a história se passa? Quais são os lugares em que as personagens estarão presentes?
4. Quando se passa a história?
5. Quais são as ações dos personagens? Tentem colocar passo-a-passo o que cada personagem irá fazer.
6. Como será o final dessa história?

Feito o novo conto, pedimos para que os alunos trocassem suas produções entre as duplas e fizessem uma correção. A partir desta, seria realizado um processo de reescrita, o qual não deveria contemplar

“[...] uma simples intervenção do professor, que corrige e devolve o texto, mas sim de uma atividade conjunta, que permita ao mesmo tempo o esclarecimento da natureza do erro e sua eliminação progressiva” (POSSENTI, 2005, p.37).

Para acompanhar esse processo, sugerimos alguns pontos a serem considerados pelos alunos para a revisão dos contos:

- a) Como o conto está organizado (começo, meio e fim)?
- b) Os elementos narrativos (foco narrativo, personagens, tempo, espaço, enredo) estão em harmonia?
- c) O enredo é verossímil (faz sentido)?
- d) Verifiquem a ortografia e a acentuação das palavras no conto (recomendamos o uso de um dicionário);
- e) Observem se os verbos estão flexionados de acordo com a pessoa à qual se referem;

- f) Deem algumas sugestões de pontuação, caso seja necessário;
- g) Vejam se os parágrafos estão bem distribuídos (de acordo com a organização dos assuntos e acontecimentos do conto).

2.4 Análise Linguística

O trabalho com as questões gramaticais sempre foi alvo de muitas discussões dentro do ensino de Língua Portuguesa. Trata-se da profusão de um ensino cumulativo, a partir do qual os alunos aprendem conceitos linguísticos não relacionados a contextos de ação, o que dificulta a aprendizagem. Em resposta a essas discussões, emergiu o ensino de Análise Linguística, que

[...] surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual- discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua (MENDONÇA, 2006, p. 204).

Como estamos trabalhando com narrativas, para realizar reflexões sobre a língua e sua gramática, decidimos abordar os tipos de discurso: direto e indireto, a partir da elucidação de trechos dos contos lidos pelos alunos. Demonstramos as maneiras direta e indireta de se introduzir um discurso. Também consideramos importante destacar os verbos de elocução, como dizer, falar, gritar, e a implicação de seus significados para o texto.

A atividade prática, em si, consistiu em pedir aos alunos que procurassem os tipos de discurso presentes nos contos lidos e os verbos que os introduzem, chamados de verbos de elocução (Figura 4). Outro ponto importante referente à análise linguística diz respeito aos morfemas de primeira e terceira pessoas no plural e singular, presentes nos verbos. A sua análise contribuiria para que os alunos diferenciassem o foco narrativo de primeira e terceira pessoas. Para essa última atividade (vide Figura 5), selecionamos trechos de dois contos trabalhados pela SD, a fim de que os alunos diferenciassem os morfemas referentes às pessoas dos verbos selecionados e respondessem a algumas perguntas sobre o foco narrativo.

Agora é com vocês!

Vimos que há maneiras distintas de representar as falas dos personagens. Não é apenas o verbo “dizer” que é usado para indicá-las. Vocês conseguem encontrar no conto lido pelo seu grupo os verbos que indicam que em seguida será reproduzida — de maneira direta ou indireta — a fala de um personagem?

Há abaixo um espaço para vocês escreverem os verbos encontrados, mãos à obra!

Figura 4 – Box da atividade sobre os tipos de discurso

Trecho 2

“[A bruxa] Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.” (Bruxas não existem)

- a) A quem os pronomes e os verbos destacados se referem? **No Trecho 1, os pronomes e os verbos se referem a 1ª pessoa do singular (eu). No Trecho 2, se referem a 1ª pessoa do plural (nós).**
- b) As pessoas que estão narrando as histórias participam delas? **Sim, em ambos os trechos as pessoas que estão narrando as histórias são personagens delas.**
- c) Os narradores são o foco das histórias ou estão apenas contando a história de pessoas que conheceram? **No Trecho 1, o narrador é o foco da história, ou seja, é o personagem principal. No Trecho 2, o narrador não é o foco da história, ele está contando a história de alguém que conheceu, nesse caso, a bruxa, a qual é a personagem principal.**

Figura 5 – Atividade sobre morfemas e verbos

3. AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para encerrar a sequência didática, elaboramos uma ficha de avaliação, a partir da qual os alunos pudessem participar da elaboração desse trabalho, contribuindo com suas experiências frente à sequência didática proposta para eles.

Foi considerado como um fator importante a presença de reflexões meta para a aprendizagem. Para Dolz e Schneuwly (2004, p. 41), a importância das “situações de colaboração entre alunos do mesmo ciclo”, i.e., “a ação recíproca dos membros do grupo e, em particular, as intervenções formalizadas nas instituições escolares são fundamentais para [...] o processo de apropriação de gêneros em particular” (idem, p. 45).

6. Avaliando a sequência didática

Para encerrar o trabalho proposto por essa sequência didática é muito importante que vocês, alunos, deem a sua opinião sobre a unidade!

- a) Vocês gostaram de trabalhar com o tema “contos”?
- b) O que vocês acharam dos contos selecionados para os trabalhos em grupo?
- c) O que vocês acharam de trabalhar com a reescrita e revisão de um dos contos lidos? Vocês se envolveram com esse projeto?
- d) Que outras atividades vocês acham que poderiam ter sido feitas a partir dos contos lidos?
- e) A sequência ajudou vocês a entenderem a melhor maneira de se construir uma narrativa?

Figura 6 – Ficha de avaliação da sequência didática

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma sequência didática se mostrou uma experiência bastante desafiadora. Além de levar em conta as especificidades de uma turma real, precisou-se levar em consideração a adequação da linguagem do material, lidar com textos não-exemplares e encadear os conteúdos da sequência de maneira eficiente para ajudar os alunos a se apropriarem dos conceitos e das capacidades analíticas envolvidas.

Apesar das dificuldades, a tarefa proporcionada pelo Estágio Supervisionado foi bastante válida e proveitosa. Pôde-se compreender o trabalho do professor em sala de aula; do professor engajado, daquele que vai muito além de um material didático

padronizado e que dá espaço aos alunos para fazerem suas contribuições. Acompanhar uma turma real e elaborar uma sequência didática exclusivamente para ela foi uma prática construtiva para todos os membros do grupo.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B. M. (2007). “Produção de texto: interlocução e gêneros”. São Paulo: Moderna, p. 111-140.
- BRASIL, SEF/MEC. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais – 3o e 4o ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, DF: SEF/MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 18/01/2015.
- CAVALCANTE, M. C. B; MELO, C. T. V. (2006). Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática (Cap. 10). In: Clécio Bunzen e Márcia Mendonça (Orgs.). “Português no ensino médio e formação de professor”. São Paulo: Parábola Editorial.
- DOLZ, J. & B. SCHNEUWLY. (2004). “Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona”. In: R. H. R. ROJO & G. S. CORDEIRO (Orgs.) Gêneros Orais e Escritos na Escola. Tradução de trabalhos de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz & colaboradores. Campinas: Mercado de Letras, p. 41-70. KLEIMAN, A. (2006). Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio (Cap. 2). In: Clécio Bunzen e Márcia Mendonça (Orgs.). “Português no ensino médio e formação de professor”. São Paulo: Parábola Editorial.
- KOCK, I. V.; ELIAS, V. M. (2006). Gêneros textuais (Cap. 5). “Ler e compreender os sentidos do texto”. São Paulo: Contexto.
- MENDONÇA, M. (2006). Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto (Cap. 11). In: Clécio Bunzen e Márcia Mendonça (Orgs.). “Português no ensino médio e formação de professor”. São Paulo: Parábola Editorial.
- POSSENTI, S. (2005). Aprender a escrever (re)escrevendo. Campinas, SP: CEFIEL/IEL/UNICAMP. Disponível em http://www.iel.unicamp.br/cefiel/cursos/cursos_detalhes.php?codigo=12. Acesso em: 07/01/2015.

ANEXOS

Anexo 1 – Contos sugeridos:

BANDEIRA, P. Um problema difícil. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/problema-dificil-689865.shtml>.

CASCUDO, Luís da C. A princesinha adivinhona. In: Brasil". 13. ed., 6a reimp. São Paulo: Global, 2009. "Contos tradicionais do Brasil". 13. ed., 6a reimp. São Paulo: Global, 2009.

ERNANI, S. A Morte e o Caçador. In: "Contos de Morte Morrida". Adaptado por Menina Arteira. Disponível em: <http://mininarteiraconta.blogspot.com.br/2010/09/um-conto-de-morte-morrida.html>.

ERNANI, S. Morte e o Ferreiro. In: "Contos de Morte Morrida". Disponível em: <http://tudehistoria.blogspot.com.br/2009/09/contos-de-morte-morrida.html>.

GENDRIN, Catherine. O Rei Midas – Um conto grego. In: . "Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro". Ilustração de Laurent Corvaisier; Tradução de Heitor Ferraz. São Paulo, SP: Edições SM, 2007, p.57-59.

LAGO, Angela. A rosa assombrada. In: "Sete histórias para sacudir o esqueleto". São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002, p. 35-43.

ROCHA, R. Sobrou pra mim. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/sobrou-pra-mim-634236.shtml>.

ROWLING, J. K. O conto dos três irmãos. Disponível em: <http://capitulosdossonhos.blogspot.com.br/2013/03/5-o-conto-dos-tres-irmaos-os-contos-de.html>.

SCLIAR, M. Bruxas não existem. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/bruxas-nao-existem-689866.shtml>.

TAVARES, C. Aconteceu na caatinga. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/aconteceu-caatinga-634293.shtml>.